



INCLUSÃO SOCIAL

Filhos do Bolsa Família rompem ciclo da pobreza



Estudo da FGV mostra que sete em cada 10 jovens beneficiados pelo auxílio em 2014 deixaram o programa em 2025, impulsionados por escolaridade, emprego formal e acesso a serviços públicos

» RAFAELA GONÇALVES

A maioria dos jovens que cresceu em famílias atendidas pelo Bolsa Família rompeu o ciclo da pobreza e deixou de depender do programa. É o que apontam os dados da pesquisa "Filhos do Bolsa Família: uma análise da última década do programa", divulgada pelo Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome (MDS), em parceria com a Fundação Getúlio Vargas (FGV).

A pesquisa mostra que, na chamada segunda geração de beneficiários, sete em cada 10 adolescentes atendidos em 2014 não precisam mais do auxílio em 2025. Considerando todos os beneficiários daquele ano, 60,68% deixaram o programa.

Entre os mais jovens, a transformação aparece com ainda mais nitidez, 68,8% dos que tinham entre 11 e 14 anos e 71,25% dos de 15 a 17 anos conseguiram superar o patamar de renda que os mantinha no Bolsa Família. Os percentuais caem nas faixas etárias mais jovens: 41,3% entre crianças de até cinco anos e 55,2% entre aquelas de 6 a 10 anos.

Segundo o ministro Wellington Dias, a vida social das últimas gerações está diretamente ligada à frequência escolar, responsável por transformar trajetórias familiares de longo prazo. "Mais de 70% dos jovens que eram beneficiários entre 15 e 17 anos em 2014 ascendem quando chegam aos 20, 25 anos. Principalmente por causa dos estudos", disse o ministro durante a apresentação do estudo, no Rio de Janeiro.

Criado em outubro de 2003, no primeiro mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), o programa de transferência de renda atravessou diferentes reformulações ao longo dos governos. Em 2021, na gestão de Jair Bolsonaro, deu lugar ao Auxílio Brasil. Dois anos depois, com a volta de Lula ao Planalto, o Bolsa Família foi restabelecido.

O estudo também traz dados sobre a saída do CadÚnico, que reúne a população de

Raio-x

Ruptura do ciclo da pobreza é ligada ao avanço da escolaridade e ao emprego formal

Rompimento do ciclo da pobreza

- Sete em cada 10 adolescentes que eram beneficiários em 2014 não precisam mais do Bolsa Família em 2025
- 60,68% do total de beneficiários de 2014 deixaram o programa

Ascensão entre os mais jovens

- Faixa 11-14 anos: 68,8% superaram a renda que dava acesso ao programa.
- Faixa 15-17 anos: 71,25% superaram a renda mínima e saíram do Bolsa Família.

Inserção no mercado de trabalho

- Jovens beneficiários em 2014 — situação em 2025

15-17 anos (em 2014):

- 52,67% deixaram o CadÚnico.
- 28,4% têm emprego com carteira assinada.

11-14 anos (em 2014):

- 46,95% deixaram o CadÚnico.
- 19,1% estão empregados formalmente.

Conclusões

- O Bolsa Família protege no curto prazo e impulsiona a mobilidade no longo prazo.
- Jovens de 2014 apresentam melhor renda, mais emprego e mais autonomia em 2025.

A próxima década tende a aprofundar:

- redução sustentável da pobreza,
- aumento da mobilidade social,
- mais oportunidades econômicas.

Fontes: MDS e FGV.

as chances de deixar o programa aumentam significativamente. Quase 80% dos filhos de famílias que recebiam o Bolsa Família em 2014 e conquistaram um trabalho com carteira assinada não dependem mais do benefício", explicou o pesquisador.

Carteira assinada

A análise também reforça a importância da qualificação e do emprego formal. Wellington Dias destacou que os dados acompanham levantamentos recentes que apontam tendência semelhante, mostrando que jovens criados em lares pobres, mas amparados por políticas sociais contínuas, ampliam significativamente suas chances de mobilidade ao concluir o ensino médio e acessar serviços públicos básicos. "A meta de promover inclusão socioeconómica integrada ao desenvolvimento econômico começa enfim a aparecer nos indicadores", disse o ministro.

O documento destaca ainda que instrumentos recentes, como a Regra de Proteção e o Programa Acredita, fortalecem um modelo de política social que ultrapassa a simples transferência de renda. De acordo com o estudo, esses mecanismos "ajudam a abrir e sustentar caminhos de inclusão produtiva, empreendedorismo e desenvolvimento regional".

A pesquisa indica também que essa trajetória deve se fortalecer na próxima década, com mais famílias ganhando autonomia financeira e reduzindo a dependência de programas de transferência de renda. Os autores apontam que o grande desafio agora é ampliar a integração entre renda, trabalho e crédito produtivo, para que os avanços já observados cheguem a um número maior de famílias.

"Com base nos resultados apresentados, a tendência é que a próxima década aprofunde ainda mais esses bons resultados", diz o relatório, que projeta ganhos crescentes de mobilidade social, redução sustentável da pobreza e ampliação das oportunidades para beneficiários em todo o país.

baixa renda e orienta o público-alvo das políticas sociais. Entre os jovens de 15 a 17 anos que foram beneficiados, em 2014, 52,67% deixaram o cadastro. Desse grupo, 28,4% estão empregados com carteira assinada em 2025. Na faixa de 11 a 14 anos, 46,95% saíram do Cadastro Único (CadÚnico), e 19,1% já estão inseridos no mercado de trabalho formal.

Condicionais

A ascensão dos "filhos do Bolsa Família" é mais consistente quando a renda é combinada com educação e acesso a serviços públicos. As maiores taxas de saída estão em áreas urbanas e em famílias com melhor infraestrutura, emprego formal e maior escolaridade.

Mas, mesmo nos contextos mais vulneráveis, mais da metade dos jovens deixou o programa.

O professor da Escola de Economia e Finanças da Fundação Getúlio Vargas (FGV EPGE) e autor do estudo, Valdemar Pinho Neto, destacou que os melhores resultados estão associados a contextos mais favoráveis. Segundo ele, oportunidades locais, especialmente em regiões urbanas e economicamente dinâmicas, somadas às condições socioeconômicas das famílias, ao nível de pobreza e à qualidade da moradia, influenciam diretamente as chances de ascensão dessa geração.

"Um dos pontos de atenção é que o tipo de ocupação faz muita diferença. Quando o jovem consegue um emprego formal,